



*Análise Coletiva do Trabalho
dos Cortadores de Cana
da Região de Araraquara - São Paulo*

MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO



Análise Coletiva do Trabalho dos Cortadores de Cana da Região de Araraquara, São Paulo

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Trabalho e Emprego
Carlos Lupi

FUNDACENTRO

Presidente
Jurandir Boia

Diretor Executivo
Jorge Magdaleno

Diretor Técnico
Jófilo Moreira Lima Júnior

Diretor de Administração e Finanças
Paulo José de Souza Almeida Cavalcante

Análise Coletiva do Trabalho dos Cortadores de Cana

da Região de Araraquara,
São Paulo

Leda Leal Ferreira
Maria Cristina Gonzaga
Sandra Donatelli
Marco Antonio Bussacos

MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

São Paulo
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Serviço de Documentação e Biblioteca - SDB / Fundacentro
São Paulo - SP
Erika Alves dos Santos - CRB-8/7110

Análise coletiva do trabalho dos cortadores de cana da região de Araraquara, São Paulo / Leda Leal Ferreira ... [et al.]. – 2. ed. – São Paulo : FUNDACENTRO, 2008.

47 P.

ISBN 978-85-98117-34-8

1. Cana-de-açúcar – Trabalhador – Condições de Trabalho.
I. Ferreira, Leda Leal. II. Gonzaga, Maria Cristina. III. Donatelli, Sandra. IV. Bussacos, Marco Antonio.

CIS

Fags Wa Kob

CDU

633.61+316.343.633+331.471

CIS – Classificação do “Centre International d’Informations de Sécurité et d’Hygiène du Travail”

CDU – Classificação Decimal Universal

Este trabalho foi fruto da colaboração entre pesquisadores da Divisão de Ergonomia da Fundacentro e dos dirigentes do Sindicato dos Empregados Rurais de Araraquara, nos anos de 1994/1995.

Apresentação

Muita água já passou por debaixo da ponte, como diz o ditado, desde que este livro foi escrito. Estávamos no ano de 1994 e o setor canavieiro paulista, embora já potente, ainda não tinha adquirido o destaque atual, responsável que é pela produção do etanol, considerado por muitos o combustível do futuro.

Neste período de quase quinze anos, aumentaram muito tanto a área plantada como a produção de açúcar e álcool. Grandes grupos empresariais nacionais e internacionais ingressaram no ramo. Hoje, a cana-de-açúcar é a primeira fonte da matriz energética brasileira. O Brasil é o primeiro produtor mundial e o estado de São Paulo, o segundo. O setor sucroalcooleiro brasileiro está sob holofotes nacionais e internacionais, pois interesses econômicos e geopolíticos de grande envergadura estão em jogo.

E o que aconteceu com o trabalho dos cortadores de cana neste período? Nossos estudos mostram que a resposta a esta questão deve ser nuançada.

Se considerarmos a atividade básica dos cortadores, nada mudou. Eles continuam cortando, carregando e organizando toneladas de canas diariamente, como sempre fizeram e como está descrito neste livro. O que mudou foi a intensidade de seu trabalho: os “novos” modelos de gestão invadiram o agronegócio impondo aos cortadores, agora muitas vezes chamados de “colaboradores”, uma rigidificação de modos operatórios, que chegam a prescrever a posição em que seus corpos devem ficar para dar os golpes de facão. As metas de produção estão cada vez mais altas e são estimuladas por sistemas de prêmios e punições. Aliadas à nebulosa forma de pagamento por produção, que também não mudou, geram uma corrida frenética nos campos e a um aumento da competição entre trabalhadores. Esta intensificação do trabalho tem provocado um desgaste maior dos trabalhadores e está certamente relacionada à morte de vários deles, anunciadas nos últimos quatro anos.

Também não mudou o sistema de aferição da produção: as fraudes continuam ocorrendo na maneira de se medir e pagar, a menos, os cortadores, como descrevemos em 1994.

Se considerarmos a forma de arregimentação e contratação dos cortadores de cana, também podemos afirmar que muita coisa permanece igual à situação que descrevemos há quinze anos. Ainda existem os “gatos”, intermediários de mão-de-obra, embora as usinas insistam em dizer que agora a maioria dos cortadores é contratada pelas próprias usinas.

O que de fato mais mudou neste período foi a atuação do poder público em relação ao setor. O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), através de seus grupos de fiscalização rural, tem atuado com mais rigor no setor sucroalcooleiro, que foi eleito recentemente como prioritário. A lista de irregularidades encontradas e divulgadas pelo MTE é grande: irregularidades no aliciamento de trabalhadores vindos de outras regiões (aliciamento por intermediários, pagamento de passagens a intermediários, terceirização, não cumprimento de promessas pelo contratante, transporte sem certidão liberatória); irregularidades na contratação de trabalhadores (falta de registro de contrato de trabalho, carteiras de trabalho retidas, atrasos no depósito do FGTS); irregularidades nos salários (atrasos de pagamento, salários inferiores ao mínimo, salários com valores menores do que o estabelecido, trabalhadores sem acesso ao controle de sua produção); irregularidades no transporte dos trabalhadores para os canaviais (ônibus sem condição de rodagem, com falta de documentação, motoristas sem autorização do DER para a atividade); irregularidades nas frentes de trabalho (problemas de fornecimento de água potável, comida estragada, falta de local para refeições, falta de sanitários, falta de equipamentos de proteção individual, falta de reposição de equipamentos de proteção individual, ferramentas de trabalho inadequadas, compasso de medição da produção de cana cortada irregular); irregularidades na duração do trabalho (excesso de jornada, desrespeito ao horário de almoço, desrespeito às pausas, expedientes exaustivos); irregularidades na moradia (alojamentos insalubres, superlotados, sem condições de higiene); irregularidades no controle médico (falta de atestados médicos).

Também digna de nota é a atuação do Grupo Especial de Fiscalização Móvel contra o trabalho escravo, que já conseguiu libertar centenas de tra-

balhadores em situação de escravidão por dívidas em usinas do setor sucroalcooleiro. A coordenação de esforços de órgãos como o MTE, o Ministério Público, a Polícia Rodoviária e a Polícia Federal tem potencializado seu poder de fiscalização. Constatamos também um aumento do número de estudos técnicos sobre a penosidade do trabalho dos cortadores, realizados por universidades e centros de pesquisa e divulgados em seminários e conferências. Está mais do que comprovado que o trabalho dos cortadores de cana não pode mais continuar como está.

Uma das soluções aventadas, quase por unanimidade, é a mecanização do corte. Mas esta solução traz inúmeras questões: quando será possível, técnica e economicamente, mecanizar totalmente o corte de cana? Que medidas devem ser tomadas até que esta mecanização ocorra para melhorar o trabalho dos atuais cortadores? O que fazer com os milhares de trabalhadores que ficarão desempregados pela mecanização?

Estas questões estão na ordem do dia. A pujança econômica atual do setor sucroalcooleiro no Brasil oferece todas as condições para que o trabalho dos cortadores de cana mude para melhor. Enquanto isso não acontecer, todas as mazelas deste trabalho tão duro e penoso, como descritas neste livro, infelizmente continuarão atuais.

Leda Leal Ferreira
Maria Cristina Gonzaga
Sandra Donatelli
Marco Antonio Bussacos

Sumário

1	Introdução	11
2	Informações Preliminares	13
	O espaço de trabalho	13
	Leiaute do canavial	14
	O processo produtivo e a divisão do trabalho	14
3	Tarefa e Atividade dos Cortadores de Cana	17
	Variações na cana	18
	Variações nos eitos e talhões	20
	Variações no número de ruas do eito	21
	Variações das condições climáticas	21
4	O Sistema de Pagamento por Produção	23
	Medição da cana cortada	23
	O sistema de pagamento	24
5	Corpos Sofridos	27
6	Fazendo Contas	31
7	Controle Constante	35
8	As Várias Experiências dos Trabalhadores no Corte	39
9	Conclusões	43
	Bibliografia	47

1

Introdução

Dois milhões de hectares cobrindo uma superfície equivalente a um país inteiro como a Suíça: o interior do Estado de São Paulo é uma imensa plantação de cana. São cerca de 150 milhões de toneladas de cana cortadas por safra, a metade da produção do país, o triplo do Nordeste, mais de dez vezes a produção de laranjas do Estado, processadas em pouco mais de uma centena de unidades produtivas, entre usinas e destilarias.

Quem percorre as rodovias da região se impressiona com a sua extensão, às vezes é incomodado por um cheiro ácido, do vinhoto, ou de fumaça negra vinda das queimadas. Tudo parece deserto; ninguém vê os trabalhadores. Parece até que eles não existem, enfiados no meio dos canaviais, pequenos pontos perdidos e isolados. No entanto há milhares deles, homens e mulheres, em todos os períodos de safra. Muitos vêm de longe, tangidos pelo desemprego e a miséria, outros são da região. Como a rotatividade é grande e os vínculos empregatícios precários, é difícil saber seu número. Segundo os usineiros, são por volta de 400.000.

Alguns chegam a cortar, com seus facões, vinte toneladas de cana por dia (para fazer uma comparação, um Fusca pesa cerca de 1,2 tonelada). A produtividade do cortador em São Paulo é a maior do país.

De vez em quando, eles viram matéria nos jornais, em geral como vilões, violentos baderneiros. Foi o que aconteceu em 1984, no episódio de Guariba, onde foram violentamente reprimidos pela polícia, quando lutavam contra a mudança do sistema de 5 para 7 ruas, que intensificava o trabalho. Recentemente, num programa de TV transmitido em rede nacional, foram apresentados como trabalhadores que, embora trabalhem muito e pesado, também ganham muito. Por coincidência, exatamente nessa época, começa-

mos a fazer nosso estudo sobre os cortadores de cana da região de Araraquara e constatamos outra realidade: é verdade que eles trabalham muito, mas não é verdade que eles ganham muito; eles ganham muito pouco.

O presente texto é o relatório deste estudo, que nasceu de um projeto de colaboração entre pesquisadores da Coordenadoria de Ergonomia da Fundação e o Sindicato dos Empregados Rurais de Araraquara.

Seu objetivo era conhecer melhor o trabalho dos cortadores de cana, a partir da descrição feita pelos próprios trabalhadores, isto é, utilizando o método de pesquisa denominado Análise Coletiva do Trabalho (ACT). Este método já havia sido utilizado no estudo de outras categorias (pilotos e petroleiros) e se mostrou bastante rico.

Neste caso, a Análise Coletiva do Trabalho se concretizou em 4 reuniões preparatórias com os dirigentes sindicais e em 3 reuniões de análise com os trabalhadores, feitas na sede do sindicato, em Araraquara, no período de safra de 94/95. As reuniões com os trabalhadores foram previamente agendadas e os participantes convidados pelo sindicato, que arcou com a diária de cada um, para não serem prejudicados em virtude da ausência ao serviço. Cerca de 30 trabalhadores, em grupos de 10, e 3 pesquisadoras participaram das reuniões que duraram, em média, 2 horas cada. Eram homens e mulheres, jovens e idosos, experientes ou novatos no corte da cana, trabalhando em várias usinas diferentes.

Todo o material foi gravado com o consentimento deles. Em seguida, as fitas foram transcritas pelas próprias pesquisadoras, originando um relatório preliminar que foi apresentado em reunião no sindicato para um grupo de cerca de 10 pessoas, entre dirigentes do Sindicato de Araraquara e convidados de outras regiões do interior de São Paulo. Alguns pontos foram corrigidos, porque estavam errados. Porém, todos foram unânimes em afirmar que o relatório refletia a realidade do trabalho dos cortadores de cana de Araraquara e que, em alguns pontos, esta realidade era diferente da de outras regiões próximas, o que poderá incentivar a realização de estudos semelhantes.

No presente texto, as palavras dos cortadores, quando reproduzidas literalmente, aparecem em caracteres *itálicos*. A divisão dos temas e o seu conteúdo são de responsabilidade apenas das pesquisadoras.

2

Informações Preliminares

Talhão, eito, carreador, leira, cana de soqueira, cana rolo, metrão e metrinho, pirulito... Não adianta recorrer ao dicionário para entender o significado destes termos que, no entanto, são tão familiares aos cortadores de cana. São palavras cujo sentido é bem particular, não só à sua atividade como à região do Estado de São Paulo; nos canaviais do Nordeste, por exemplo, alguns deles são empregados outros, porém, são desconhecidos.

Assim, antes de entrar no trabalho propriamente dito dos cortadores de cana, vamos tentar definir os termos que nos pareceram mais importantes para melhor entendê-los. No decorrer do texto, outras explicações surgirão. Também apresentaremos algumas informações gerais sobre o processo produtivo da cana, sempre com o objetivo de facilitar a compreensão.

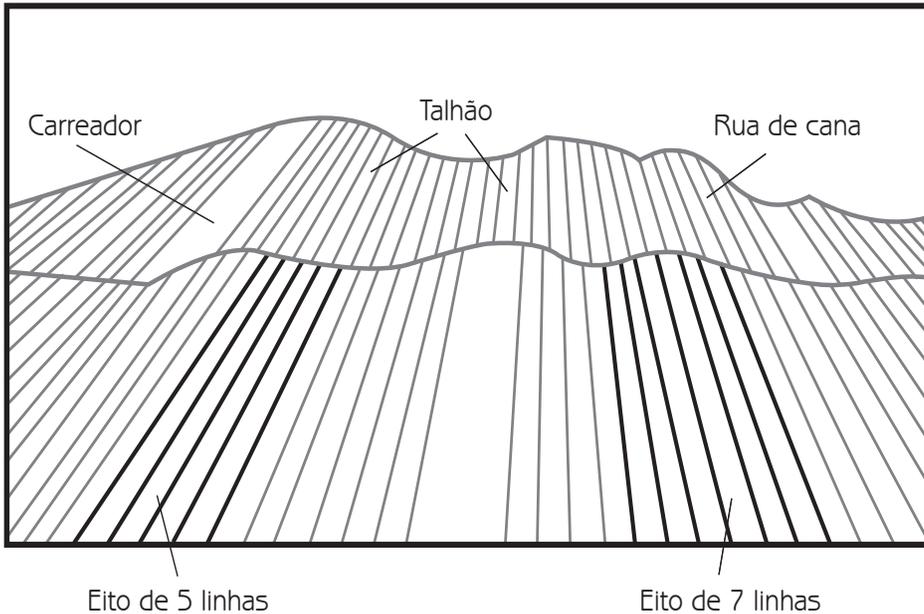
O espaço de trabalho

O espaço de trabalho dos cortadores de cana é o canavial.

Um canavial é dividido em **talhões** e cada talhão é composto por várias **linhas** de canas plantadas paralelas. Talhão é, portanto, a designação dada a uma área cultivada; não tem uma medida específica, tanto pode medir 2 como 20 hectares. O espaçamento entre as linhas, formando as **ruas**, varia conforme a topografia, a área, o tipo de solo, a variedade de cana etc, mas em geral, se mantém uniforme em cada talhão. Estas linhas são agrupadas formando os **eitos**. Em geral os eitos são compostos por 5 linhas de cana, mas podem existir eitos de 6, 7 ou 8 ruas. A extensão de cada eito também varia.

Os talhões são cercados por ruas mais largas, os **carreadores**, onde circulam os tratores e caminhões que transportam a cana cortada para a usina. **Acero** é a divisa entre o talhão e a estrada principal.

Leiaute do Canavial



O processo produtivo e a divisão do trabalho

O processo produtivo da cana-de-açúcar possui diferentes etapas: o preparo do solo; a escolha da variedade agrícola da cana; o plantio; a adubação; a conservação do solo; o corte; o carregamento e o transporte para as unidades de beneficiamento, usinas ou destilarias onde vão ser produzidos álcool, açúcar ou outros produtos. O corte e o carregamento tem sido rotulados de “sistema de colheita”.

No Estado de São Paulo, o mais produtivo do país, este processo é cuidadosamente planejado, com técnicas modernas de gestão empresarial.

A divisão do trabalho é feita de tal forma que cada etapa empregue grupos de trabalhadores diferentes.

Este relatório tratará apenas da etapa do corte manual da cana, a que emprega o maior contingente de trabalhadores rurais. Eles trabalham apenas na época da safra, de maio/junho a dezembro.

Para aumentar a produtividade agrícola, tem-se expandido em algumas usinas a “colheita mecanizada”, onde o corte e o carregamento são realizados inteiramente por máquinas. Embora atual e polêmico, em virtude de aumentar o desemprego, este assunto não será abordado neste relatório; apenas registraremos a fala de um cortador:

A máquina só corta no plano e cana em pé. Cana deitada mesmo já não corta. A cana rolo, se a máquina cortar, estraga tudo... Eles põem a gente para cortar as canas ruins e a máquina para cortar as canas boas.

3

Tarefa e Atividade dos Cortadores de Cana

A tarefa dos cortadores de cana é aparentemente simples: munidos de facões devidamente afiados, eles devem cortar a(s) cana(s) com um ou vários golpes dados na sua base ou “pé”, despontá-la, isto é, cortar a sua “ponta” superior e carregá-la com os braços até um local prestabelecido, formando **montes** ou **leiras**, para que, numa etapa posterior do processo produtivo, tratores carregadores, as “carregadeiras” ou “guincheiras” , a transportem para os caminhões que irão para as usinas.

Há algumas exigências técnicas no corte: ele deve ser feito para aproveitar o máximo da cana, isto é, ser bem rente ao solo *porque a sacarose do açúcar fica toda no pé da cana e eles não querem perder a sacarose e desprezar a parte final, a vassoura. Não pode ir os gomos no ponteiro dela; tem que cortar os ponteiros fora. Senão, tem que repassar, cortar o gomo e jogar na leira.*

Quanto ao amontoamento da cana, há sistemas diferentes: o de **montes** e o de **leiras**.

No sistema de **montes**, os trabalhadores devem carregar a cana cortada até a terceira rua (ou rua do meio) e depositá-la em montes que devem ficar a uma distância aproximada de 2 metros um do outro.

No sistema de **leiras**, a cana cortada vai sendo depositada também na terceira rua, mas de modo contínuo.

Parece que as usinas preferem o sistema de montes, porque no sistema de leiras o trator carregador deve rolar as canas, dessa forma carrega também a sujeira que se acumula entre elas. Já para os trabalhadores, a leira é melhor:

Leira é bem melhor, porque você trabalha e não sofre tanto... a cana é grossa, é grande, quer dizer que para você jogar lá no monte, ela é pesada e você tem que fazer

esforço... a leira é melhor porque você vai cortando, vai para o chão... A leira é melhor pra gente cortar e o monte é melhor para a usina.

Na prática, estas duas operações básicas de cortar e amontoar a cana exigem constante adaptação dos cortadores às variações das situações de trabalho que lhe são apresentadas: variações na cana, nos tipos de talhão e nas condições climáticas.

Variações na cana

Cana rolo, cana impezinha, cana em pé, cana tombada, cana nova, cana trançada, cana velha, cana pesada, cana grossa, cana fina, cana de soqueira, cana caída, cana reta, cana na palha, cana verde, cana crua, cana queimada, cana de 18 meses, cana de 3 anos e meio, cana bisada, cana de primeiro corte, sobra de cana, cana boa e cana ruim. Estas são algumas denominações de cana dadas pelos trabalhadores na sua descrição do trabalho. Elas refletem diferentes atributos da cana, como peso, idade, estado, que influenciam a atividade do corte, tornando-a mais fácil ou mais difícil.

- **Cana queimada X cana na palha**

Antes de ser cortada, a cana é queimada, o que é feito, em geral, na véspera do dia do corte à noite, por outros trabalhadores que não os cortadores. Em algumas situações, como nas proximidades das zonas urbanas, porém, os cortadores devem cortar a cana crua ou “na palha”.

– É mais difícil cortar cana queimada ou na palha?

– Na palha.

– Por quê?

– *Porque a cana na palha, tem que limpar a palha, tem que tirar a palha, puxar do lugar do monte, tem muito joçal, é um espinho pequenininho, penetra muito no corpo da gente... na cara, nas mãos, e dá muita coceira.*

A palha corta a gente, onde passa a folha ela corta. Então, fica mais difícil do que a cana queimada. Porque a cana queimada, você abraça ela e corta. O único problema é que ela suja a roupa mas não te machuca. A outra machuca, pega o olho na ponta, é perigoso ficar cego.

Quando a gente vai cortar na palha, tem que ter muito cuidado também. Na usina X, teve uma mulher que foi picada nas costas, picada de jararacão. Ela não morreu mas ficou parálitica... Ela estava cortando cana na palha, a cobra subiu na ponta da cana e, ela trabalhando, picou nas costas...

*– Eu acho que uma das maiores desgraças que têm os cortadores de cana é a **queima de cana de dia**... Eles chegam, vêem que você vai acabar [o corte] às 11 horas... Eles tocam fogo no outro talhão, aquele resto de cana que tem e jogam todo mundo pra lá... Quando acontece isso, é sempre lá pelas duas horas da tarde e aí já tem o calor do dia e dobra com o calor da cana, que ela não esfria na hora que você vai... a cinza fica mais solta, e solta na cara da gente. Você bate o facão no pé da cana e a cinza vem no seu rosto... Então a gente não consegue trabalhar nem duas horas sem parar; tem que parar para tomar fôlego, se não a gente não aguenta trabalhar o dia.*

– Dá tanto ressecamento na garganta da pessoa que um garrafão de 5 litros de água não é capaz de dar para aquela pessoa... Fome não tem porque a cinza tira a fome...

– Você bate o facão no pé da cana, você vira um pouco a cara – eu chego muito a fazer isso – porque irrita muito o olho da gente.

– Você fica todo ressecado, você não aguenta... Então, você chega na sua casa, fica cheio de pó...

• **Cana reta X cana rolo**

Para a cana ser colhida, ela deve ter um determinado tamanho, decorrente, entre outras coisas, da sua idade. É por isso que se fala em diferentes cortes de cana: primeiro, segundo, terceiro cortes, ou da sua idade: cana de 18 meses, cana de 3 anos e meio etc.

Geralmente o plantio da cana se dá no final de dezembro, começo de janeiro; terminou a safra, passa a etapa do plantio. A safra começa sempre em maio, junho, depende muito da usina... As primeiras canas que foram plantadas não dão ponto de corte na safra seguinte. Se ele plantou a cana, por exemplo, em janeiro e maio tem corte, não dá, porque a cana está pequena; então ela fica para o outro ano, ela fica com dezoito meses, um ano e meio... A tendência dessa cana, além dela ficar pesada, mais grossa é de cair... Quando você tem uma cana como essa, ela já está velha e começa a

ventar – julho, agosto é um tempo que venta muito – essa cana cai. Geralmente, ela não cai toda para um lado certo... ela cai misturada e aí, ela trança...

– Se for uma cana reta, é igual uma velinha, é uma atrás da outra... A gente abraça... Eu abraço seis, sete canas se não for muito pesado, bato no pé dela. Dou as vezes cinco, seis facãozada e corta. Aí eu pego, jogo no monte e continuo.

– Qual outro tipo de cana que tem?

– Tem cana caída... ela cai uma em cima da outra...

– Tem umas que nem se sabe qual é o pé e qual é a ponta...

– Como se chama isso?

– Cana rolo.

– A rolo não é bom. Porque tem rolo enraizada embaixo. Agora tem a rolo de pé...

– Tem muita cana velha que você pega uma cana, você puxa, você não acredita, ela dá uns cinco, seis metros... Para você cortar essa cana, você não corta de uma vez e joga no monte; às vezes você corta quatro, cinco vezes a mesma cana; é porque ela entra no meio das outras ruas, então tem que picar... Se você tinha que cortar naquele eito 500 metros, a tendência é você diminuir muito, porque você atrapalha o serviço.

– Outra vez, mesmo que ela caia toda para um lado, como ela fica velha, aí começa a chover, ela pega contato com o solo e a chuva... ela brota... Então, além de você cortar o pé, ela fica enraizada no chão... Então você faz uma força maior, porque você tem que cortar a cana e tirar ela da terra, tirar as raízes e muitas vezes você tem que cortar ela mais de uma vez... Então ela rende menos...

Variações nos eitos e talhões

Além dos diferentes tipos de cana, o corte é influenciado pela localização e o estado do eito e do talhão:

Depende de onde está o talhão. Às vezes, você pega um talhão que está mais no alto, que tem mais vento, ou que foi plantado primeiro... Então, se ele pegar um rodado ou um vento mais forte, a tendência dele é cair...

– O que é eito bom e eito ruim?

– Eito ralo é bom, ralinho assim, que tem pouca cana, bastante falha.

– Só é ruim para tirar a média de cana...

– É ruim para tirar a média. O eito forte é aquele que tem aquelas touceironas de cana, aí já é ruim...

– Beirada de carreador com a cana amassada (acero), eles amassam para poder queimar. Este é horrível!

– O pior é o nível, quando está com a cana caída e forte de cana, muita cana no nível...

– Nas terras da usina X tem pedra, não tem jeito de você cortar a cana. Você corta as pedras mas não corta as canas. Acaba tudo com o facão e quando acaba, eles não querem dar outro...

Variações no número de ruas do eito

Quando o eito é de 5 ruas, ele é mais largo, facilita para a gente... No eito de 6 ruas, eles estreitam para dar mais produção por pedaço de terra... Nisto, engancha o facão, porque ele tem um bico atrás, ele engancha na outra cana...

– O duro é cortar 7 ruas.

– Por quê?

– Porque aumenta duas ruas, complica a gente...

– 5 ruas é perto. Agora, 7 ruas, tem que carregar a cana, é longe.

Variações das condições climáticas

As condições climáticas também influenciam a atividade:

Eu já me cortei no caso de chover e eu continuar cortando cana. Então, o cabo do facão fica muito liso... A gente está querendo trabalhar para não perder o dia, escorrega... porque tem aquelas valetas, que eles plantam cana do primeiro corte, o sulco, o barro, a gente escorrega...

Na verdade, o que está se falando é do esforço exigido em cada tipo de corte, que varia muito de situação para situação. O problema é que toda esta variação não é levada em conta na avaliação do desempenho dos cortadores, como será mostrado no próximo capítulo, que trata do sistema de pagamento por produção.

4

O Sistema de Pagamento por Produção

No corte de cana, utiliza-se um sistema de pagamento por produção que enquadra toda a atividade dos trabalhadores, tornando-se a mais penosa.

Neste sistema, teoricamente, quanto mais se corta mais se ganha. A avaliação da quantidade de cana cortada pelos trabalhadores é, portanto, seu ponto nevrálgico. Ela é feita por meio de um complicado sistema de medidas que será descrito a seguir.

Medição da cana cortada

A primeira etapa da medição da cana cortada é realizada por um trabalhador que se chama “medidor”. Na região de Araraquara, ela é feita por meio de um compasso de dois metros de raio, que vai sendo rodado no solo e percorrendo toda a rua.

Há dois sistemas diferentes para se fazer a medição da cana cortada: o **metro corrido** ou “**metrão**” e o “**metrinho**”.

No **metrão**, utilizado principalmente nos eitos de 5 ruas, o medidor mede apenas uma rua do eito — a terceira — onde se amontoa a cana cortada. Por exemplo, se uma rua tem 100 metros e o eito tem 5 ruas, a medida do eito é de 100 metros.

No sistema de **metrinho**, utilizado em geral nos eitos com mais de 5 ruas, a medição é feita na terceira rua e o seu valor é multiplicado pelo número de ruas do eito. Por exemplo, se uma rua tem 100 metros e o eito tem 6 ruas, a medição será de 600 metrinhos.

No final da rua de medição há uma cana em pé na qual o cortador marca o seu número, identificando que ele é o responsável por ela:

Corta uma cana, finca no chão e põe lá o seu número. Então, com o próprio barro da terra — a gente não tem lápis, não tem nada para marcar — a gente pega um pedacinho de barro, descasca a cana no meio e marca.

A medição pode ser acompanhada pelo cortador mas, em geral, isto não acontece:

A maioria [dos medidores] começa a medir conforme vai acabando o eito... Ele espera uma quantidade boa de pessoas cortarem, terminar o eito para depois vir medindo... É por isso que tem que ter o número na cana, porque às vezes a pessoa não está no eito.

Após a medição, o medidor anota em um papel o número e a metragem de cada trabalhador: *número cinco, 300 metros, naquele dia tal*. Esta folha se chama **pirulito**. Em algumas usinas os trabalhadores ficam com uma cópia do pirulito, em outras não. É a partir destas anotações que se vai pagar o trabalhador.

O sistema de pagamento

Embora a produção de cada trabalhador seja medida por metro de linhas de cana plantada ou de rua de cana cortada, seu pagamento é feito por tonelagem de cana, o que exige um sistema de conversão de medidas que, teoricamente, segue os seguintes passos:

Pesa-se a cana de uma determinada área, da qual sabe-se uma das dimensões. A partir daí, calcula-se o valor do metro linear de cana plantada em termos de tonelagem. Multiplicando-se este valor pelo preço da tonelada de cana, estabelecido em acordos entre usineiros e sindicatos de trabalhadores, determina-se o valor do metro de cana cortado. Para ilustrar, tomemos o seguinte exemplo:

- **Características da área**

superfície: 1 alqueire ou 24.200m²

número de linhas: 5

espaçamento entre linhas: 1,40 metro

produtividade: 300 toneladas

- **Cálculo do preço do metro**

largura da área: espaçamento entre linhas x número de linhas
ou $1,40 \times 5 = 7$ metros

comprimento da área: superfície ÷ largura da área ou
 $24.200 \div 7 = 3,457$ metros

O comprimento da área é a medida que se está procurando

Se a produtividade do alqueire é de 300 toneladas, o valor do comprimento da área também é de 300 toneladas, portanto usa-se uma “regra de três”:

Se 300 toneladas equivalem a 3.457 metros, 1 tonelada equivalerá a X,

300 — 3,457

1 — X

onde $X = (3,457 \times 1) \div 300 = 11,52$ metros

Se o preço da tonelada é de R\$ 1,18 e se uma tonelada equivale a 11,52 metros, o preço do metro será de:

$R\$ 1,18 \div 11,52 = R\$ 0,103$

As usinas dispõem de tabelas com dados sobre a variação da produtividade e o espaçamento das áreas, o que facilita esses cálculos.

Na prática, a cada dia de trabalho a usina escolhe “aleatoriamente” um eito, chamado de **eito campeão** que vai servir como padrão para o preço da cana daquela área.

Pelo dissídio, são negociados apenas dois valores para a tonelada de cana: uma para a cana de 18 meses e outro para todos os outros tipos de cana.

Na safra de 1994/95, o valor para a tonelada de cana de 18 meses foi de R\$ 1,18 e para as outras, R\$ 1,12, segundo o Sindicato.

Este sistema faz com que o preço do metro de cana varie muito. Além disso, cria contradição entre situação “boa” de corte, porque exige um menor esforço físico, e situação “boa” de preço, que paga melhor.

A diferença entre cana grossa, fina, pesada e leve é porque o pessoal corta por metro mas não recebe por metro. A base de cálculo da usina não é o metro, é o peso da cana... Então não adianta você pegar uma cana que é reta e maneira demais e muito leve...

– Você pega uma cana reta e ela é pequenininha, nem dá peso.

Se você pegar uma cana em pé que é pesada, às vezes você corta 200 metros, você ganha melhor do que uma cana que você corta 500 (metros)... Porque a intenção não é só cortar uma quantidade maior; é cortar uma cana que seja em pé, que seja boa de metro, porque você trabalha aparentemente menos, você anda menos no eito... e o preço dela é melhor.

Mas o ponto central deste sistema é que ele **intensifica o trabalho**, por meio de vários mecanismos que redundam na pura e simples dispensa do trabalho para quem não alcançar uma determinada produtividade:

Na usina Z, tem a média de cortar cana; se cortar menos de 8 toneladas, inclusive o domingo, eles mandam embora,

até uma acirrada competição entre os trabalhadores,

O turmeiro, além de dar o eito favorece umas pessoas e faz caveira das outras, incentivada por um sistema de prêmios por produção.

No fim do mês, eles (na usina X) entregam um cupom, quem cortar 10 toneladas todos os dias e não perder um dia, ganha uma cesta básica no fim do mês e concorre a prêmios: televisão, rádio...

Com isso a produção média dos cortadores é bastante alta:

Eu corto umas 8 ou 9 toneladas por dia. Só tem 3 meses que eu corto cana, não tenho muita experiência.

Minha tonelagem eu não sei. Sei mais por metragem que é o primeiro ano que corto cana. Eu comecei com 50, 60, 70... Eu sei que já estava cortando quase 300 metros de cana, que são 1500 metrinhos, no eito de 5 ruas.

Minha média é na base de 11, 12 toneladas, por aí, 13... Dependendo da cana..."

Minha tonelagem é de nove pra frente.

Os efeitos desse sistema sobre os trabalhadores se fazem sentir em vários níveis, que serão discutidos nos próximos capítulos.

5

Corpos Sofridos

Quando o trabalhador chega no corte de cana, ele é uma coisa; quando já trabalha 3 meses, já é outra coisa. Pode botar na balança que ele está esgotado, emagrece bastante, todo dia pegando aquele batente pesado mesmo, ele fica uma pessoa desnaturada, porque o serviço é pesado... Chega o sol quente, a camisa da gente pode torcer assim, está ensopada, o suor cai mesmo... É uma loucura, sinceramente é uma loucura.

Este depoimento reflete bem um sentimento generalizado entre os cortadores de cana: seu trabalho é muito pesado e sua vida muito dura.

Durante o período da safra, que vai aproximadamente de maio/junho a dezembro, a jornada dos cortadores é longa: eles saem de casa entre 5h e 6h30min da manhã e só retornam no fim da tarde, levando consigo tudo o que é necessário para passar um dia inteiro no campo: marmita, café, garra-fão de água e os instrumentos de trabalho, lima e facões.

A viagem pode durar várias horas. É muito comum não saberem onde irão trabalhar, se dentro do município em que moram ou nos municípios vizinhos, pois as áreas de cultivo das usinas atingem grandes extensões de terra.

Ao chegar no canavial, depois de receberem o serviço dos empreiteiros, começam a jornada, seguindo uma espécie de ritual diário:

A gente vai, já com a roupa; lá, a gente põe mangote, luva, um pano no nariz porque ninguém aguenta o pó...

– Aquele pó preto faz mal para qualquer um, é o pulmão. Então, a gente coloca um lenço no nariz pra poder não respirar aquele pó.

– Eu não ponho lenço porque me estrova, me sufoca.

Há um sério problema em relação aos equipamentos de trabalho, em muitas usinas, são os próprios trabalhadores que devem comprá-los:

Eu compro luva, camisa, lima, facão... A gente ganha, mas acabou, você tem que comprar... um facão está a quatro reais, quatro e cinquenta... uma lima, três e noventa, quatro reais.

– A luva que eles dão, mais ou menos uns três dias acaba... porque não presta... ela fura, rasga... Eles só dão quando você entra, depois não dão mais, você tem que comprar...

Em algumas usinas o horário de almoço é fixo, em outras, é mais livre. Porém, em todos os casos, os cortadores são unânimes em afirmar que uma vez iniciado o trabalho, não é bom parar.

O ideal é não perder tempo mesmo, tem que ser ligeiro mesmo pra cortar, tem que ser bom... O normal de um cortador é descontar 20 minutos no almoço e mais 10 minutos no café... É, come rapidinho e já pega de novo. E aí, vai até uma certa hora da tarde e aí pára e já pega outra vez em seguida. Praticamente não descansa nada.

Este intenso ritmo de trabalho exige grande esforço físico e provoca vários males. Um deles, muito comum entre esses trabalhadores da cana, é a câimbra.

A pessoa quer trabalhar muito, quase que se mata, quer passar do ponto dele, a pessoa está vendo que o corpo não vai aguentar... Então, chega na hora, o corpo não aguenta de câimbra. Chega a dar câimbra na roça que a pessoa não pode se mexer...

Na usina X, eles davam soro, ficava na mochila, a hora que ele (o cortador) via que ia dar câimbra, ele ia lá e tomava, esperava um pouco, depois continuava (no trabalho). Agora, eles não dão mais soro. Se a gente quiser sarar, a gente tem que fazer soro caseiro: mistura lá, põe um pouco de água e açúcar e bebe... Lá, na usina X, você pode morrer de câimbra que nem caminhonete pra levar tem.

O jeito que a pessoa se sente quando acabou o eito... sente muita câimbra, em tudo que é lugar do corpo. Puxa o corpo todo, nos braços, barriga da perna... O normal da câimbra é quando começa a esquentar mais.

As dores nos braços, decorrentes do esforço contínuo feito para cortar cana, são comuns entre os cortadores:

Eu sinto dor neste braço (direito) que vai das pontas dos dedos até aqui (ombro)... Fica dormente, dói que não tem onde por o braço, tem que levantar da cama e por o

braço pra cima. Se a dor começar a meia noite não durmo mais... Isto começou quando eu comecei a cortar cana. Foi um presente que ganhei e acho que vou morrer com ela.

Alguns relacionam também estas dores com o uso de luva de proteção, principalmente quando começam a cortar cana:

Na primeira semana que o cara usa luva dói a mão mesmo, o cara quase não pode fechar, a luva atrapalha mesmo.

Tem muita gente que não acostuma com a luva, porque com a luva a gente tem que dar um golpe mais duro. Eu mesmo só uso luva na mão que pego a cana. Porque na outra mão não consigo pegar o podão com a luva, parece que meu pulso não segura, o podão escapa.

Entretanto, a falta de luva cria uma série de problemas na mão: calos, bolhas, rachaduras.

Eu vi muito sujeito trabalhar com a base da mão arreventada, aqui na base do indicador. E cortando... Foi até que enfim, emborrachei o cabo do facão e amenizou um pouco a coisa. Cortei uma faixa de pneu de bicicleta enrolei no cabo. Foi quando parece que segurou mais, aí (minha mão) parou de rachar e eu passando um creme (remédio) direto.

Outro fator de cansaço e sofrimento são os longos percursos que o cortador deve fazer, sob o sol, no canavial:

O que cansa mais é você pegar uma cana pesada e precisar estar jogando no monte. E andar também. Tem vez que a gente anda mais de 5 quilômetros, vai e volta, vai e volta.

O serviço chega a ser meio agonizante. Tem uma hora que você tem que fracassar um pouco, manear, olhar para os lados, que parece que está dando um negócio na sua cabeça. Aquele sol forte que treme assim, aquele calor e poeira...

Estes longos deslocamentos são feitos carregando pesadas mochilas:

A minha mochila deve pesar uns cinco ou seis quilos, fora o garrafão de água... Conforme a gente for andando, a gente vai levando... Porque se você tem sede, você deixando o garrafão perto, você não precisa andar tanto.

Isolados no campo, os cortadores também se ressentem da falta de assistência médica em caso de doença ou acidente:

Lá onde a gente tá trabalhando, tem a camioneta do “gato” (empreiteiro) mas se você está com uma dor de cabeça que você não aguenta, eles não tem um Anador. Se você não levar pra tomar, lá não tem... não tem Mercúrio, não tem nada. Se você cortar uma veia na perna, até você chegar no hospital esgotou todo o sangue...

Também há um sério problema em relação aos hábitos de higiene pessoal: não há um local apropriado para as necessidades básicas, o que é embaraçoso principalmente para as mulheres:

A gente chega, já almoça, vai amolar o facão, molhar a luva, colocar o mangote, colocar o pano, colocar a luva, vai... fazer xixi...

Tem dias que pegamos um talhão assim que não tem cana crua, não tem mato, tem que ficar o dia inteiro segurando até chegar em casa.

Quando voltam para casa os cortadores estão extenuados:

Tem dia da gente chegar em casa, não vai nem tomar banho, e nem quer jantar, já vai dormir. E no outro dia é que levanta mais cansado de manhã cedo... porque tem hora que a gente está trabalhando, nem sente a canseira. Depois de manhã cedo, a gente vai ver, quando o corpo esfria, como é que a gente está... está tudo doendo... A gente tem que chegar na roça e fazer o corpo acostumar de novo.

6

Fazendo Contas

Ninguém diria que uma das principais atividades dos cortadores de cana é fazer cálculos matemáticos. Afinal, eles são trabalhadores braçais, realizam um trabalho duro e penoso e seus principais instrumentos de trabalho são seus braços. Há um preconceito arraigado na sociedade, expresso pela divisão entre os trabalhadores manuais e trabalhadores intelectuais, que praticamente exclui dos primeiros a possibilidade da existência de qualquer atividade intelectual. Basta, porém, dar a palavra aos cortadores, como fizemos nas reuniões de Análise Coletiva do Trabalho, para ouvi-los descrever os cálculos e as contas que são obrigados a fazer durante a sua atividade. De fato, em grande parte das reuniões, se falou de contas e se fez cálculos, de diversos tipos e por diversos motivos.

Contas para controlar a medição do “medidor”:

– A gente tem base de cana porque a gente corta faz tempo... Eu, pelo menos, quando acabo um eito, já vou no passo, já sei o metro mais ou menos da perna e vou medindo... estico bem o passo, dá quase um metro, se der uns 150 passos, vai dar mais ou menos 160 metros... 80 varas de compasso...

– No meu caso, se quiserem me roubar pode roubar a vontade, porque eu não tenho uma base, eu não fico olhando... Faz dois meses que eu trabalho, é o primeiro ano que corto cana...

Contas para entender o sistema de conversão entre metro e tonelada:

Vamos supor que para encher um caminhão leve um eito de 200 metros. Um eito de 200 metros deu... 20 mil quilos, 20 toneladas... Então, dá em torno de 200 quilos por metro. Então, em cima dessa quantidade de tonelagem de cana, divide o eito... Vamos supor que 20 toneladas deu 1,18 (Reais)... 1,18 a tonelada, dá em torno de 23 Reais. Divide o metro por 23, achou o número! Então, deu aí em torno de 11 centavos,

you know that that cane is 11 cents. If you cut 500 meters, it's 11 times; if you cut 100 meters, it's 11 times...

Contas para se entender a relação entre os sistemas de metro e metrinho:

"O metrinho é o seguinte: você corta 6 ruas, eles medem: cortou 200 metros. Ao invés deles marcarem 200 metros, eles marcam 1200 metrinhos, eles multiplicam... Então, se eles pagassem o metro, a gente conversava em centavos. Agora, eles põem em metrinho pra gente conversar em milésimo... Não é todo mundo que entende essas coisas, não sabe nem fazer essas contas. Então, eles puseram esse metrinho pra complicar as pessoas, para as pessoas não entenderem..."

Na usina Z, onde eu corto cana, é 7 ruas. A gente corta no meio de 7 ruas o mesmo tanto que a usina X, que é 6 ruas. Quando uma pessoa corta 200 metrão por 6 ruas na usina X, nós cortamos também 200 metrão na usina Z. Mas se uma pessoa da usina X tira 20 reais por dia, nós tiramos 18. Tiramos sempre a menos do que a X. Porque na usina X é metrinho e na Z é metrão.

Contas para se entender o holerite

– Aqui no holerite, está por metrinho [mostra o holerite]... valor unitário: 0,0090. Olha quanto milionésimo aqui! Este é o preço da cana...

– Tem número que para mim não existe. Eu acho que não existe menos de 0,5 centavos. Nós nunca chegamos a cortar um metrinho de cana para dar meio centavo, é de 35 para baixo, 0,0035...

– Seria 1000 metrinhos dividido por 35.

– 1000 metrinhos a 30, vai dar 3 Reais...

Todas essas contas acontecem por várias razões:

1. porque o sistema de medição e pagamento exige vários cálculos: que se converta unidades de comprimento (metros de terreno) em unidades de peso (toneladas de cana), que valem uma quantia em dinheiro, por meio de uma série de operações matemáticas de divisão e multiplicação, muitas delas feitas com várias casas decimais.

2. porque o sistema de pagamento não é uniforme entre todas as usinas nem entre todos os trabalhadores. A variação do número de ruas dos eitos e a variação do sistema de medição “metrinho” e “metrão”, combinadas entre si, criam várias situações diferentes, que dificultam as comparações.

3. porque o sistema não é explicado para os trabalhadores.

Eu pedi para o gerente: “por que não faz como as outras usinas, por metrão, é mais fácil para a gente”. Ele falou: “se eu for passar para a turma de vocês, vou ter que passar para trinta e poucas turmas, as outras vão querer também”. Eu falei: “mas você tem que passar!” Aí, ele falou: “não dá certo”. E não passou mesmo e disse: “se quiser, é assim”.

Também é muito comum os cortadores desconhecerem o preço da cana que estão cortando, embora pelo dissídio esta informação lhes seja devida.

Além disso, cada usina apresenta suas folhas de pagamento de um modo diferente e com informações falhas ou ausentes.

4. porque o sistema está sujeito a muitos erros não intencionais ou fraudes, que podem acontecer em cada uma das etapas: compasso não calibrado, compasso não fincado no solo, erro na identificação do cortador, erro na anotação do medidor, erro na pesagem da cana, erros nas operações de conversão, erros na digitação dos dados, etc.

Mas a razão principal é que o fundamento do sistema de pagamento por produção, isto é, *quanto mais se corta mais se ganha* não é verdadeiro. Diz um trabalhador:

*Empreita é correria mesmo... a pessoa, naquela ânsia de querer ganhar mais, mal ele come e já pega no trabalho, porque quanto mais ele trabalha, mais ganha. Mas se for ver... **quanto mais trabalha, mais esforço você faz e menos você está ganhando. Com as coisas que eles fazem, quanto mais trabalha, menos eles pagam...** Nós estamos levando desvantagem: você trabalha muito mais, fazendo mais esforço e ganhando menos.*

Para ilustrar isso, utilizamos um holerite de um trabalhador, referente a duas semanas de trabalho, na qual estão discriminados para cada dia e para cada talhão os metros cortados e os valores unitários do metro. Neste caso, o sistema utilizado era o “metrinho”, cujo preço unitário variou de R\$ 0,004 a R\$ 0,0175 (ou seja, 4,37 vezes). A multiplicação do número de metros cortados

pelo valor unitário dá o salário em Reais ganho por dia. A tabela abaixo foi feita a partir destes dados:

dias da semana	metros cortados	salários diários (R\$)	preço diário do metro (R\$)
5ª feira	650	07,83	0,01204
6ª feira	1024	13,72	0,01339
sábado	420	04,06	0,00966
domingo	–	–	–
2ª feira	442	03,90	0,00882
3ª feira	1302	09,94	0,00763
4ª feira	1525	08,02	0,00525
5ª feira	1335	09,17	0,00686
6ª feira	545	07,14	0,01310
sábado	288	03,77	0,01309
domingo	–	–	–
2ª feira	faltou	–	–
3ª feira	faltou	–	–
4ª feira	365	06,39	0,01750
5ª feira	540	07,99	0,01479

A observação desta tabela mostra que:

1. houve grande variação na quantidade de metros cortados por dia por um mesmo trabalhador, de um mínimo de 288 metros a um máximo de 1525 metros (5,2 vezes).

2. houve também variação de salário diário, mas ela foi menor do que a variação da quantidade: de um mínimo de R\$ 3,77 a um máximo de R\$ 13,72 (3,6 vezes).

3. não houve correspondência direta entre a quantidade de cana cortada e o preço pago por ela. No nosso exemplo, no dia em que o trabalhador cortou 1525 metros, ganhou R\$ 8,02, praticamente o mesmo do que ganhou no dia em que cortou 540 metros (R\$ 7,99).

Uma vez que o princípio cortar mais para receber mais não é respeitado, os cortadores são obrigados a fazer uma série de cálculos para saber quanto vai valer seu trabalho diário, regular sua atividade diária e garantir uma certa estabilidade financeira no mês.

7

Controle Constante

A organização do trabalho no corte de cana é extremamente hierarquizada. Os cortadores estão sempre na mira de um agente da usina, numa intrincada rede de controle.

A figura principal – e a mais citada na ACT – é a do **empreiteiro**, também chamado de **gato** ou **turmeiro**.

As relações de trabalho dos empreiteiros com os cortadores dependem fundamentalmente das relações empregatícias existentes, que são quatro:

1. cortadores com carteira assinada pela usina, sem intermediação dos empreiteiros;
2. cortadores com carteira assinada pela usina, mas contratados pelos empreiteiros;
3. cortadores com carteira assinada pelos empreiteiros ou cooperativas;
4. cortadores sem carteira assinada.

Excluindo os cortadores mencionados no item 1, que são cada vez mais raros, todos os outros têm um vínculo maior ou menor com os **empreiteiros**.

É o empreiteiro que em geral transporta em seu ônibus (ou caminhão) os cortadores de suas casas para o canavial e vice-versa. Também é ele quem distribui o serviço para sua “turma” de cortadores, que pode chegar a 50 trabalhadores.

Eis como funciona o sistema:

Cada trabalhador é identificado por um número que obedece a uma ordem dentro de uma escala controlada pelo empreiteiro.

A turma é dividida por número. Vamos supor que tenha 50 pessoas, então você tem do número zero, um até o número cinquenta.

Cada trabalhador vai então receber o seu eito para cortar.

A hora em que ele [o empreiteiro] está escalando o eito, a gente vai atrás: aqui Maria, José, João... Ele vai deixando e você vai ficando ali.

O empreiteiro marca o número da pessoa e o número do eito que lhe foi designado. É este controle que servirá para se saber o quanto cada trabalhador cortou por dia, que vai determinar o seu pagamento.

Além disso, o empreiteiro é uma espécie de “fiscal do eito”.

*O **empreiteiro** fica assim como... um exemplo, um professor numa sala de aula. Ele manda lá. Ele dá o eito. Terminou aquele eito, ele dá outro, ele olha pra ver se o serviço está certo, se você não deixou toco, se você cortou bem as pontas...*

Embora a figura do empreiteiro seja em geral mal vista, alguns cortadores tentam explicar seu comportamento como o de um simples trabalhador, também sujeito às leis de produção:

*O **empreiteiro** é empregado da usina também. Ele tem um salário e tem ainda a participação no corte. Então, o que é que é o lógico? Ele força as pessoas a trabalhar. Se o cara no meio do dia está doente ou com um problema qualquer, ele não acredita. Ele força a pessoa para trabalhar.*

*O **turmeiro**, quando ele obriga as pessoas a trabalhar é porque ele ganha uma participação, ele ganha na cana. Ele ganha o frete conforme o quilômetro rodado (do ônibus) e ele ganha conforme a porcentagem do pessoal que corta.*

Na verdade, o empreiteiro é apenas o primeiro de uma extensa lista de “chefes”, que controlam o serviço dos cortadores.

Eles põem muito fiscal na roça. Para cada pessoa, tem dez olhando. Se você pegasse todo mundo, dava uma turma para cortar cana...

Além do empreiteiro tem o monitor, o medidor, o fiscal, o fiscal geral, o gerente.

*Primeiro, tem o **monitor**... é só para ajudar quem não sabe cortar, explicar como faz, como amola o facão... Ele corta um pouquinho no eito de um, no eito de outro...*

O monitor em geral já foi cortador, um bom cortador. O próximo da lista é o medidor:

O **medidor** tem que medir a cana que o pessoal corta e olhar os eitos também, olhar o serviço, se o toco está baixo, se não tem gomo de cana nas pontas...

Tem o **fiscal geral da usina**, ele chega e se tiver que falar alguma coisa para mim, ele não vai falar, porque eu sou só o cortador de cana. Ele vai falar com o empreiteiro... Ele vai falar: “Ô! vai lá e fala para aquela pessoa que o serviço dela está errado”. Então, é ele que manda na gente, ele que tem que dar ordem, por esse motivo... Acima dele é só o **gerente**.

O **fiscal geral**, o trabalho dele além de fiscalizar, é quem fala: “olha a turma de fulano de tal vai pegar tal talhão”. É ele quem solta o trabalho para as turmas, ele é o encarregado por parte da usina em distribuir o serviço para as turmas... Como diz o ditado, é o manda-chuva...

– Ali, é como uma escadinha: **o gerente manda no fiscal geral, o fiscal geral manda no empreiteiro e o empreiteiro manda na gente.**

- E vocês mandam em quem?
- A gente não manda em ninguém.
- Na cana.
- Só na cana... Pegar o facão e cortar.

Todo esse controle e poder são alimentados por uma série de punições aos trabalhadores, desde as reprimendas e ameaças verbais até a demissão.

O medidor falou que quem não respeitasse ele, na hora que ele fosse medir a cana, ele roubava de qualquer um e ninguém ficava sabendo...

Tinha um eito de 335 metros... o medidor mediu 258 metros, eu desconfiei... Aí, eu falei para o fiscal. O fiscal falou: “se der menos, vou descontar de você e te dar uma advertência; se der mais, é seu”. Eu fui medir, deu 350 metros. Eu não levei advertência porque estava certo... se tivesse faltando eu ia levar advertência...

Na terça-feira, os tocos ficaram altos... tinha muita pedra e fazia muito dente no facão... O fiscal geral chegou e falou: “não vou medir cana de ninguém enquanto não repassar os tocos”. A turma até falou que concordava mas se ele medisse a cana.

Ele falou que tinha que repassar primeiro. Ninguém repassou. Aí, ele deu ordem para o medidor não medir a cana de ninguém. Eu peguei, eu mesmo, fui no ônibus, tomei o compasso da mão do medidor, medi meu eito e marquei no pauzinho e fui falar com o fiscal geral. Chego lá, ele me deu um dia de gancho (advertência)... Eu, com 3 meses de serviço, não perdi nenhum dia na usina, nem levei advertência, nunca levei uma reclamação... Primeiro, para ele poder me dar o gancho, tinha que dar uma ou duas advertências; mas não: já me deu logo um dia de gancho, só porque falei que não ia perder nem o dia nem o domingo.

– O que cansa mais?

– *Eu acho mais cansativo é você estar cortando cana e o fiscal do seu lado. Não pode trabalhar direito.*

– *Você não trabalha sossegado. Fica meio inibido.*

*Os fiscais, eles têm aquele poder de falar e tem horas que eles não tratam a gente nem como gente: é como cachorro. É [dá um assobio]... assobiando! **A maior humilhação do mundo é o corte de cana.***

8

As Várias Experiências dos Trabalhadores no Corte

Assim como todas as atividades em situação de trabalho, a do corte de cana é simples só na aparência. *A verdade é que tem que se aprender todos os segredinhos da cana*, diz uma jovem cortadora, o que só se obtém com a experiência e a custa de muitos esforços como mostram os depoimentos a seguir:

– *No começo, é super difícil de cortar.*

– *O que você acha difícil?*

– *Ah! tudo, desde amolar o facão, que eu não conseguia... como pegar na cana, tem o lado certo pra jogar, usar luva, principalmente a luva de couro, ela cansa o nervo do braço...*

No começo da safra, eu nunca tinha cortado, eu levava o dia inteiro para cortar 180 metrinhos – 180 metrinhos dá uns 50 do grandão – corria o dia inteiro para cortar um pedacinho de nada e, à noite, eu sonhava que estava cortando cana. Então, eu nunca descansava porque, se você dorme bem à noite, no outro dia você está com um pouquinho mais de coragem.. mas se você sonha que está cortando cana, você não descansa.

No começo, a minha mão virou calo de sangue... porque não sabia como pegar no facão, tinha uma mão fina – eu trabalhava de tratorista. Aí, quando eu fui pegar o facão, não sabia, pegava no começo do podão... fazia uma bolinha aqui, eu mudava o jeito... então, foi indo que a mão estava toda estourada...

Se a experiência é fundamental, ela não exclui o papel das diferenças individuais, que fazem com que os cortadores enfrentem de modo diferente todas as exigências do trabalho.

Às vezes, o cortador corta bem cana, mas ele tem dificuldades de fazer alguma coisa no serviço, às vezes ele é rápido pra derrubar a cana e é lento pra despontar.

Eu, às vezes tento ser rápida. Quanto mais eu tento, mais me atrapalho, faço a maior trapalhada. Aí, se torna mais difícil ainda do que se eu fosse levando devagarinho, normal, como eu costumo fazer. Quando eu tento ir mais rápido pra acompanhar a amiga da frente, aí é que eu me perco pra valer mesmo.

Essas diferenças podem ocorrer em razão de vários fatores:

- A mulher é melhor ou pior que o homem?
- *Tem mulher que corta mais cana que homem.*
- *Tinha uma magrinha que não tinha quem pegasse ela, ela ganhava de homem.*

Parece também que a idade influencia, embora não seja determinante:

Tem um senhor de idade que cortava mais cana que um moço... ele é velhinho mas corta cana! Ele vai devagarinho...

Na verdade não há um consenso sobre as características de um bom cortador. Algumas pistas, porém, podem ser seguidas:

Tem que ter muita força de vontade...

O tempo todo, tem que trabalhar com atenção, porque a gente está ali com o facão... Eu mesmo nunca me cortei com o facão, nem amolando nem nada; corto cana faz 20 anos, mas sempre com atenção no serviço.

É preciso também *ter coragem*, que parece ser o oposto de ser preguiçoso, uma característica mal vista.

Tem um cortador que chega a perder o facão de tanta preguiça. Ele odeia cortar cana, ele odeia, ele não suporta cana, ele chega perto da cana dá tontura...

Mas o principal parece ser “não perder tempo”:

O ideal é não perder tempo, tem que ser ligeiro.

O melhor cortador tem que ser esperto. Acabou o primeiro eito, procurar o melhor, o que tiver mais fraco pra trabalhar. Isto é o normal do melhor cortador.

- *A maioria dos fiscais não deixa cantar.*
- Por quê?
- *Não querem que se faça bagunça na roça. Eles acham que é bagunça, zoada.*

– Mas muda a produção se cantar?

– *Muda nada. É que eles acham que é muita bagunça.*

– *Se eu cantar, muda sim. Se conversar, também muda, eu perco tempo... Ficar cantando, está perdendo tempo...*

– *Se ele está cantando, não está prestando atenção no serviço, pode fazer um serviço porco, pode dar uma facãozada na mão... Então, a pessoa tem que estar com atenção no serviço.*

A impressionante fala de um cortador de cana de 25 anos de idade é reveladora:

– *Um cortador bom não pode perder tempo. O ônibus passa no ponto da gente às 5h30min, até chegar no último ponto é 6 horas. Eu saio de casa com o facão amolado, almoço no ônibus, chego na roça às 7 horas, 7h30min... A pessoa já pega o seu eito e começa a trabalhar. Se você tem que fumar, você carrega o seu cigarro no jeito porque na roça se você pára para beber água, fazer uma necessidade, amolar o facão, perder tempo para conversar, aí que eu não ganho nada mesmo...*

*Eu não tenho nada a não ser minha casinha, meu barraco. Eu tenho minha mulher e meus dois filhos, tudo o que eu tenho nesses 8 anos, é só o barraco. É, da cana. Mas porque eu trago o facão amolado, eu não paro para conversar com meu irmão, meu colega. Às vezes, **nego briga comigo porque falam que sou fominha...** Eu trabalho com dois facões, trago os dois amolados de casa... A cana pode ser caída ou em pé, eu começo a trabalhar. Eu não dou atenção pra fiscal, pra empreiteiro, nem pro colega que está do lado. Então, eu não perco tempo para fumar, só paro para almoçar, tomar café e às vezes fazer alguma necessidade; também, chega a tarde... A minha média do primeiro mês até o terceiro mês é de 18 toneladas [por dia], mas tenho certeza que corto bem mais...*

*Chega a tarde, a gente está muito cansado, às vezes as crianças querem colo, a mulher quer fazer alguma coisa. Eu já ajudei muito a minha mulher. Agora, **eu chego em casa morto.** Na minha turma, eu sou o primeiro a começar a trabalhar e o último a parar. Então, a turma só me chama de fominha. Eu vou dentro do ônibus dormindo, porque estou com o corpo todo quebrado de cansado.*

Num trabalho tão pesado assim, não deixa de ser comovente o depoimento de uma jovem cortadora:

É um serviço sofrido, é uma coisa que não é fácil. Tem muitas pessoas que falam: o que você veio fazer na roça, por que você trabalha? – É claro que a gente trabalha porque precisa. Só que é super divertido... Porque lá, você encontra amigos... E outra, você tem amigos pra valer!

9

Conclusões

Acreditamos que o objetivo deste estudo, **conhecer o trabalho dos cortadores de cana a partir da sua descrição sobre o mesmo**, foi alcançado.

A pergunta que norteou todas as nossas reuniões, **o que você faz no seu trabalho?** funcionou como um fio condutor que, ao se desenrolar, trouxe consigo todos os aspectos da atividade dos cortadores. Dos gestos praticados no ato de cortar com o facão até a organização do trabalho, determinando seu ritmo e as relações com colegas e chefias, tudo nos foi descrito com precisão e emoção.

Podemos afirmar, sem medo de exagerar, que as condições atuais destes cortadores de cana não são muito diferentes daquelas que os historiadores descreveram há muitos anos: eles continuam a ser trabalhadores superexplorados. O **sistema de pagamento por produção**, aliado aos **baixos salários pagos**, contribuem para este estado.

Ao longo deste relatório, procuramos extrair da descrição dos próprios trabalhadores os pontos que nos pareceram mais significativos, quer pela ênfase com a qual nos foram apresentados, quer pela frequência com que apareceram as várias descrições:

- o esforço físico exigido por cortar e carregar várias toneladas de cana por dia, com os mais diferentes graus de dificuldade, em razão das diferenças nas condições da cana, nos instrumentos de trabalho, nos terrenos, no clima,
- o trabalho mental de controlar a própria produção, tentando decifrar todos os complicados cálculos de produção e todos os macetes do sistema de medição, para descobrir quanto vale o seu trabalho diário,

- o tratamento desumano e muitas vezes humilhante imposto por uma organização do trabalho extremamente hierarquizada e rígida que se baseia num sistema de punições arbitrário e estimula a competição entre os trabalhadores.

Temos, porém, consciência de nossos limites. Um deles, que não podemos deixar de enfatizar, é o da generalização dos resultados. O conteúdo geral do relatório reflete as várias facetas da realidade do trabalho dos cortadores de cana da região de Araraquara, mas cada uma delas é vivida de modo particular por cada trabalhador, dependendo de vários fatores, alguns individuais e outros relacionados com a usina em que trabalha, com o empreiteiro do qual depende.

Na verdade, parece que a política empresarial é a de **dividir para reinar**. Cada aspecto do trabalho que se analisa apresenta particularidades dificultando o estabelecimento de reinvidicações únicas: cada usina estabelece particularidades no sistema de pagamento, na apresentação do holerite, nos “benefícios” que oferecem aos trabalhadores, no modo de tratar os trabalhadores. A usina X fornece equipamentos de proteção individual (EPI) com facilidade, mas a usina Z, não. A maioria dos trabalhadores vão para o campo de ônibus, como manda a legislação. Mas alguns empreiteiros ainda usam caminhões. Algumas usinas aceitam atestados médicos com facilidade, outras, não. Em alguns casos, os empreiteiros são apenas intermediários entre os cortadores e as usinas, das quais eles são empregados; em outras, os empreiteiros são os empregadores. Algumas descrições de trabalhadores se chocavam com as de outros em aspectos específicos como o conhecimento ou não do preço da cana antes de se começar a jornada, os motivos das advertências etc.

Esta diversidade é ainda maior se compararmos o que se passa em regiões até próximas de Araraquara. O sistema de pagamento por “metrinho”, tão comentado nas reuniões, é desconhecido dos cortadores de outras regiões. O emprego de crianças no corte de cana, que aparentemente não existe em Araraquara, é a realidade em regiões vizinhas.

Finalizaremos este estudo como finalizamos cada uma das reuniões de ACT com os trabalhadores, isto é, colocando a questão do que poderia e deveria melhorar no seu trabalho.

Algumas das sugestões só fizeram reafirmar direitos adquiridos e já estabelecidos na legislação trabalhista geral ou nos acordos da categoria, mas que não estavam sendo respeitados. Outras, porém, apresentavam algo mais profundo, relacionadas com o próprio sistema de exploração dos trabalhadores e com a organização do trabalho: acabar com a figura do empreiteiro e com o atual sistema de medição da cana e de pagamento por produção.

Mas acima de cada proposta específica, o que os trabalhadores exprimiam era o desejo de serem respeitados e tratados sem humilhação:

Eu já fui um trabalhador que já fez quase todas as entidades de serviço: já colhi café, essa mão já derrubou muitas árvores... O pior serviço que eu já enfrentei na vida é o corte de cana. O cortador de cana não passa de um cortador de cana.

Bibliografia

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIO-ECONÔMICOS. A colheita da cana-de-açúcar em São Paulo. In: _____. **Trabalho e reestruturação produtiva: 10 anos de linha de produção**. São Paulo, 1994. p.244-246.

FERREIRA, L. L. Análise coletiva do trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo, v. 21, n. 78, p. 7-19, abr./jun. 1993.

FERREIRA, L. L. et al. **Voando com os pilotos: condições de trabalho dos pilotos de uma empresa de aviação comercial**. São Paulo: APVAR, 1992. Projeto de pesquisa conjunto realizado pela FUNDACENTRO e APVAR.

FERREIRA, L. L.; IGUTI, A. M. **O trabalho dos petroleiros: perigoso, complexo, contínuo e coletivo**. São Paulo: Scritta, 1995.

FERREIRA, L. L. et al. **Análise coletiva do trabalho dos cortadores de cana da região de Araraquara, São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Fundacentro, 1998.

TORRES, V. **Condições de vida do trabalhador na agro-indústria do açúcar**. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do Alcool, 1945.

Sobre o livro

Corpo texto: Palatino Linotype 11
Corpo título: BenguiatGot Bk BT 17
pólen rustic 85 g/m² (miolo)
e cartão supremo 250 g/m² (capa)
no formato 16x23 cm
1ª edição: 1997
Reimpressão da 1ª edição: 1998
2ª edição: 2008
Tiragem: 5.000
Impressão: Gráfica da Fundacentro

Equipe de realização

Coordenação Editorial:
Elisabeth Rossi

Revisão gramatical:
Maria Luiza Xavier de Brito

Foto da capa:
Maria Cristina Gonzaga

Design gráfico e capa:
Marila G. Destro Apolinário

Normalização:
Erika Alves dos Santos

MINISTÉRIO
DO TRABALHO E EMPREGO



FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

Rua Capote Valente, 710
São Paulo - SP
05409-002
tel.: 3066-6000

Gráfica - Rua Mauro, 552
São Paulo - SP
04055-041
tel.: 5594-7266

www.fundacentro.gov.br

ISBN 978-85-98117-34-8



9 788598 117348

